

### Lixo e terror

Diferentemente de filmes de suspense e terror, a história cada vez mais malhada da implantação do Lixão não emociona mais ninguém. É algo arrastado, enfadonho, lamentável

A insistência da Construtora Queiroz Galvão em implantar o que chama de aterro sanitário é algo doentio e que agride a sociedade mogiana. Desde 2003 se ouve falar da pretensão da construção do empreendimento, no distrito industrial do Taboão, região de pródiga produção agrícola e onde estão instaladas indústrias que geram muitos empregos, como uma unidade da General Motors do Brasil. Mais do que isso: desde 2005 está claro que nem a sociedade civil mogiana, tampouco os prefeitos que se sucederam - antes, Junji Abe; agora, Marco Bertaiolli (DEM) - aceitam a impostura de um projeto que visa ao lucro privado, utilizando-se, para isso, de uma técnica ultrapassada, que, comprovadamente, agride o meio ambiente.

Mesmo diante de campanhas cidadãs, empreendidas notadamente em 2006 e 2007, ações e recursos judiciais movidos contra o projeto de lixão, a Queiroz, ignorando a tudo e a todos, posta-se como dois de paus à espera de uma liberação da Secretaria de Estado do Meio Ambiente, tendo tido inúmeros revezes e, no entanto, seguindo a máxima chula de se fingir de morta para, só então, atacar sorrateiramente o coveiro de seus sonhos empresariais.

Diante disso, o prefeito Marco Bertaiolli, sensível às questões cidadãs e ambientais, empreende, desde o início de seu mandato, em 2009, uma cruzada para impedir, administrativa e juridicamente, que a Queiroz Galvão se utilize do método fórceps para fazer o que bem entende em terras mogianas, desprezando o que acham os cidadãos desta cidade, como se pouco importasse o meio ambiente e a insatisfação coletiva.

Ao declarar que vai à Justiça, se for preciso, para barrar mais uma vez as pretensões teimosas e autoritárias da Queiroz Galvão, o prefeito se coloca ao lado da população e contra um empreendimento privado removido na insistência inexplicável de desrespeitar Mogi das Cruzes. Fará, se for o caso, o que já fez, ao conseguir, administrativamente, derrubar a marcação, no ano passado, de uma audiência pública.

Não é possível admitir que, do alto de seu pedestal de empreiteira gigante, que presta serviços públicos e privados dentro e fora do País, a Queiroz Galvão prossiga malhando inadvertidamente no ferro frio da violência contra a conclusão coletiva, a resistência legítima, expressadas em movimentos de rua, que registraram adesões

históricas.

Ao se colocar contra o Lixão desde o início e dar a mais ampla cobertura da guerra que foi empreendida contra a construtora na cidade, o Mogi News fortaleceu seu papel de formador de opinião, ganhou respeitabilidade, ressonância e, com isso, muitos leitores.

De novo, rodando em falso, a pretensão da construção do Lixão ocupa o noticiário e revolta quem não se vê obrigado a ceder à sanha desenfreada de um empreendimento sem propósito, que, à luz da modernidade, tem de ser trocado por técnicas mais modernas, que, em vez de enterrar resíduos sólidos, transformem o lixo em energia e gerem fontes de renda, criando empregos diretos e indiretos.

A discussão de outras prioridades, que nos permitirá ir em frente, é sempre travada pelo ressuscitamento de um processo zumbi, quase que uma série de filme de terror, a reedição de Jason, de "Sexta-Feira, 13", em suas intermináveis partes, ou, do mesmo modo, "A Hora do Pesadelo", com seu horripilante monstro de chapéu, Freddy Kroegger, a se levantar da tumba em momentos mais inesperados.

Diferentemente de filmes de suspense e terror, a história cada vez mais malhada da implantação do Lixão não emociona mais ninguém. É algo arrastado, enfadonho, lamentável, que trava o desenvolvimento da cidade, sempre preocupada em se armar para evitar o mal maior, que é, exatamente, a acomodação diária de toneladas de lixo regional, em intermináveis camadas, na agressão continuada ao solo e à natureza.